

A VIDA DAS PALAVRAS ESTUDADA NAS SUAS SIGNIFICAÇÕES

Arsène Darmesteter

INTRODUÇÃO

Se há uma verdade banal hoje, é que as línguas são organismos vivos cuja vida, por ser de ordem puramente intelectual, não é menos real e pode comparar-se à dos organismos do reino vegetal e do reino animal.

Durante muitos séculos, não se estudaram as línguas clássicas senão como línguas mortas. Nós as estudávamos para compreendermos e admirarmos as obras-primas que nos tinham deixado, para exercitarmos pela imitação de incomparáveis modelos na difícil arte de escrever. Quando muito, os grandes eruditos buscavam os mistérios dos manuscritos, discutiam as formas raras e duvidosas que neles liam, a fim de alcançar uma melhor compreensão da língua dos originais.

Mas, com a descoberta do Sânscrito, a ciência da linguagem foi constituída. As línguas foram estudadas por elas mesmas, e sua história torna-se um objetivo de pesquisa. Não são mais somente as belas línguas de Cícero e de Virgílio, de Sófocles e de Demóstenes que necessitam da atenção do lingüista; mas o latim arcaico, o da decadência e os informes dialetos itálicos; mas o grego homérico, o grego bizantino e os *patois* que ainda cobrem o solo da Hélade. Os mais variados idiomas, dos mais solenes aos mais humildes, são considerados, examinados, têm sua história e relações recíprocas estudadas a fundo. Uma vasta investigação se desenvolve para preparar o catálogo completo de todas as línguas faladas hoje sobre a superfície do globo, e nos dedicamos a determinar suas origens, a traçar seu desenvolvimento, a reconhecer as formas pelas quais passaram suas pronúncias, seus léxicos, suas gramáticas, e, na medida do possível, a encontrar sob sua história, a das civilizações.

Gostaríamos aqui de expor brevemente alguns dos problemas gerais que estas pesquisas pressupõem ou que delas resultam e que interessam à Psicologia.

I

Primeiro uma palavra sobre as questões de origem. Qual a origem da linguagem? Esta questão tão atraente e que solicita sem cessar nossa curiosidade, não pôde ainda abandonar o domínio da pura hipótese. A ciência não está madura a este propósito. Mesmo nas línguas das quais temos os mais antigos monumentos (famílias egípcias, semítica, indo-européia), só compreendemos as formas relativamente recentes, e que têm antes delas um longo passado de transformações. A pesquisa, por mais longe que ela retorne e faça remontar suas induções, não atinge senão raízes derivadas de raízes primitivas para sempre perdidas. A linguagem humana sozinha não pode dar a chave de sua origem. É necessário sair do quadro que a contém para o dominar e o abraçar; talvez o estudo comparativo da linguagem do homem e do que se pode reconhecer, sob aparências diversas, em diversas espécies animais, a antropologia e a zoologia combinadas, permitirão chegar a resultados novos em um estudo que até hoje não é da competência senão da metafísica.

De uma compreensão mais segura é o interessante e atraente problema da aquisição da linguagem pela criança. O estudo é aí relativamente fácil; materiais abundantes já foram reunidos; os fatos aliás estão à disposição de todos. Este estudo mostrará, sem nenhuma dúvida, como o pensamento ainda simples da criança liga primeiro, ao pequeno número de palavras que ele possui, idéias de uma extensão e de uma compreensão cada vez maior, à medida que ele compreende um número cada vez maior de objetos; como em seguida, por uma ação inversa, o número crescente de palavras novas que ele aprende lhe faz restringir as generalizações mais amplas que tinha inicialmente feito. Um crescimento de idéias mais rápida que a aquisição do léxico correspondente, eis o princípio ao qual é necessário perguntar pela chave da maior parte dos fatos na psicologia da linguagem infantil.

Mas deixemos estas duas questões de origem para considerar as línguas nas manifestações da vida. Formas imediatas do pensamento, instrumentos criados por ele para traduzi-lo, estes são tantos espelhos em que vêm refletir os hábitos do espírito e a psicologia dos povos. Quais são as grandes questões lingüísticas que, dominando os problemas especiais, dizem respeito à filosofia da linguagem?

II

Toda língua está em perpétua evolução. A qualquer momento de sua existência, ela está em um estado de equilíbrio mais ou menos durável, entre duas forças opostas que tendem: uma, a força conservadora, a mantê-la em seu estado atual: a outra, a força revolucionária, a puxá-la para novas direções.

I. A ação de uma civilização, por mais humilde que seja, o respeito à tradição, o cuidado com que a pronúncia da criança é vigiada por aqueles que a envolvem, um bom gosto natural e o desejo instintivo de uma linguagem escolhida; em um estágio mais elevado no desenvolvimento literário, a influência dos livros sagrados, como a Bíblia nos países de língua germânica, o Corão nas regiões muçulmanas; ou, em um estágio mais alto ainda, aquele das obras literárias que por sua própria beleza se impõem à admiração de todos, e inspiram às gerações seguintes o culto de uma forma incomparável: eis as principais causas que mantêm a pureza de uma língua. Elas são compreendidas em uma palavra, a cultura do pensamento.

II. Do outro lado se coloca a força revolucionária, que age por *alterações fonéticas* na pronúncia, *mudanças analógicas* na gramática, *neologismos* no léxico.

1º. As mudanças de pronúncia partem da criança.² A criança, com seus órgãos vocais ainda delicados, altera e corrompe as palavras que ela não pode pronunciar com facilidade. Frequentemente é corrigida por seus pais e mestres; algumas vezes ela própria se corrige; mas frequentemente ainda ela guarda ao crescer os defeitos de pronúncia que ela própria se deu, e chega à idade adulta com uma pronúncia já alterada. Estas corrupções se propagam do indivíduo à geração contemporânea da família, do lugarejo, da vila, do distrito; elas ampliam-se e tornam-se fatos de língua. Então de duas uma: ou a mudança se estende no próprio meio em que nasceu, no lugarejo, na vila, no seio de um grupo natural de homens ligados entre si pelas relações constantes e diárias da vida; neste caso, a alteração fonética será aceita gradativamente pela maioria, e assim pela unanimidade do grupo, e as pessoas, esquecendo a forma anterior, farão vencer a mudança fonética;³ ou então ela não será acolhida senão por uma parte determinada do grupo, e será rejeitada por uma outra, e teremos então uma separação dialetal.

Ora, esta mudança de pronúncia atinge não as *palavras* tomadas como palavras, mas os *sons*; disso resulta que o som, alterado em si mesmo, encontra-se igualmente modificado em todas as palavras em que ele se

apresenta sob as mesmas condições. Disso segue que a alteração fonética deve se produzir com uma regularidade análoga à que os fenômenos de ordem psíquica apresentam. Não é ela própria, aliás, um fato puramente psicológico?

Em uma evolução que transformou o idioma indo-europeu primitivo em sânscrito, alemão, eslavo, celta, grego, latim, ou naquela que, no fim do império, fez chegar o latim popular dos lábios dos povos romanos aos diversos idiomas neo-latinos, por toda parte em que se pôde seguir estes idiomas de um ponto de partida a um ponto de chegada, as mudanças de sons foram produzidas tão regularmente que se pôde dizer que as leis fonéticas são absolutas, que agem com uma cega necessidade e que não permitem e não sofrem nenhuma exceção.⁴

2º. A segunda causa de mudança talvez seja a mais importante, porque ela atinge o próprio corpo da língua, a gramática. Esta causa é a *analogia*. Aqui aparece uma força nova, de natureza *psicológica*, que entra em luta com a força *fisiológica* da alteração fonética; e esta luta ilumina o caráter duplo da linguagem, que enquanto som diz respeito ao mundo físico, e enquanto expressão do pensamento diz respeito ao mundo moral.

Sendo dada uma forma gramatical, uma terminação comum a algumas palavras, a analogia a estende, desprezando a etimologia, ou seja, a fonética, a toda uma série de outras palavras, subtrai assim destas suas formas, suas terminações próprias, e, conformando-as todas por um mesmo modelo, substitui a variedade pela unidade. Pela extensão que ela dá a antigos elementos, ela cria um sistema novo.

Ora, e é o mais freqüente, a analogia, reduzindo a um tipo único as formas múltiplas devidas à etimologia, se propõe simplificar a gramática. Ela faz a uniformidade dominar. A forma gramatical que se encontra no *maior número* de palavras de mesma natureza se impõe *generalizadamente*, e a força da inércia que a analogia esconde em si mesma triunfa sobre as exceções e as suprime.

Assim na primeira conjugação francesa certos verbos, sob a ação de leis fonéticas especiais, faziam na língua antiga na segunda pessoa do plural do presente do indicativo e do imperativo *iez*; no particípio passado *ié*; no infinitivo *ier*; estas três terminações excepcionais, a analogia as fez desaparecer diante das terminações gerais da conjugação regular, *ez, é, er*.

Alhures, por outras razões fonéticas, a língua mudava, em certas condições determinadas, a vogal do radical verbal em um outro som unicamente nas três pessoas do singular e na terceira do plural do presente nos modos indicativo, subjuntivo e imperativo.

Diante de	<i>il AIme,</i>	ela dizia	<i>nous Amons,</i>
-	<i>il lÊve,</i>	-	<i>nous lAvons,</i>
-	<i>il lIÊve,</i>	-	<i>nous lEvons,</i>
-	<i>il mEIne</i>	-	<i>nous mEnons,</i>
-	<i>il trUEve</i>	-	<i>nous trOUvons,</i>
-	<i>il plEUre,</i>	-	<i>nous plOUrons,</i>

A analogia simplificou todo este sistema, impondo a todas às pessoas de todos os tempos a mesma forma: *aimer; lever; laver; mener; trouver; pleurer.*

Ora a analogia cria. Ela não representa mais então o direito da força e do número que suprime a anomalia em proveito do uso geral; a linguagem serve-se dela, por um ato espontâneo, para produzir fatos novos. Se se trata de fato de produzir um traço novo de gramática ou de sintaxe, ele se apropria de um caráter que não existe senão em uma ou várias palavras e o atribui, por analogia, a todo um conjunto natural de palavras. É assim que o galo-romano, sentindo a necessidade de dar relevo pela unidade da terminação à primeira pessoa do plural em todos os tempos das diversas conjugações, tira vantagem da terminação única que apresentava a primeira pessoa do plural do verbo *esse, être*, a saber: *sumus*, antigo francês *sommes* ou *sons*, substituiu as diversas terminações que respondiam a *-amus, -emus, -imus, -imus*; o antigo francês diz: *chantomes* ou *chantons, chantiomes* ou *chantions, chanteromes* ou *chanterons, etc., finissomes* ou *finissons, recevomes* ou *recevons, e o francês moderno chantons, chantions, chanterons, finissons, etc.*

Alhures, depois de ter constituído suas duas conjugações vivas em *are, er*, e em *ire, ir*, a língua procurou colocar ordem no caos das formas verbais que não se organizavam sob os tipos *chanter* e *finir*; e como é o particípio passado que oferecia a maior variedade de terminações, ela foi tomar a dois ou três verbos seu particípio em *utus (imbutus, solutus, etc.)*, para ajuntar esta sílaba *utus* ao radical de uma quantidade de outros verbos cujos particípios primitivos desapareceram. *Ruptus* foi substituído por *rumputus, rompu*; *venditus* por *vendutus, vendu*; *visus* por *vidutus, veu, vu*; *tonsus* por *tondutus, tondu*; *cognitus* por *cognodutus, coneu, connu*; *fissus* por *findutus, fendu, etc.*

Aqui a analogia foi criativa.⁵

3º. A estas ações modificadoras acrescentamos o *neologismo*, que é causado pela aquisição de novos fatos, de novas idéias, de novas maneiras de compreender e de sentir as coisas, e que freqüentemente ocasiona o

desaparecimento de outras palavras, as novas idéias e suas expressões fazendo esquecer as antigas.

Tais são as principais causas de mudança nas línguas.

A vida, a saúde da linguagem consiste em seguir o mais lentamente possível a força revolucionária que operará sempre muito rapidamente, segurando-se fortemente nos princípios conservadores.

III

O que ocorreria se uma das duas forças agisse sozinha, colocando a outra em xeque e a anulando? Quando a força revolucionária, neológica, fica inoperante e a língua se imobiliza, há perigo para ela. Seguramente povos cuja civilização não muda e não tem história podem manter indefinidamente sua língua intacta; o pensamento não mudando, a expressão do pensamento não tem que mudar.⁶ Mas quando um falso respeito à tradição proíbe a linguagem de seguir o curso das idéias havendo contradição entre o pensamento da nação e a forma que a reveste, a língua pode exaurir-se e morrer. Temos um exemplo ilustre disso no latim clássico, o latim dos escritores da alta sociedade romana, que se recusou a seguir o latim popular no jogo livre de seu desenvolvimento, se cristalizou no respeito de uma forma consagrada, e próximo do fim do império morre de exaustão, deixando o lugar a este idioma popular tão cheio de força e de vida que uma família numerosa de línguas e mais numerosa ainda de dialetos saiu de seu seio, pronta a conquistar por si o império que a outra abandonava.

Quando só a força revolucionária age, a língua, precipitada no caminho das mudanças, se transforma com uma incrível rapidez. Ora, no espaço de várias gerações, ela chega a um estado tão diferente do estado anterior que ela parece, em verdade, uma nova língua. Ora ela se diversifica em uma multidão de dialetos que vão se dividindo e se subdividindo infinitamente. Em certos *patois*, em certos idiomas selvagens; diz-se, uma só geração vê línguas nascerem e morrerem para renascerem sob uma outra forma.

IV

Este desenvolvimento desenfreado, este curso irresistível que apresenta a história de certas línguas, lingüistas⁷ o têm considerado como o ideal da vida da linguagem porque neste caso compreende-se melhor a língua no jogo livre das forças às quais ela se entrega.

Para estes sábios, as línguas literárias são línguas artificiais em que intervém a vontade do escritor, do artista, a ação erudita da escola. Para eles, os idiomas dos Papua e dos Pele-vermelha sobrepujariam nossas belas línguas literárias, tanto como os cardos selvagens suplantam as maravilhosas rosas obtidas por uma cultura refinada e uma arte superior. A tulipa azul ou negra não é um monstro para o botanista?

Não podemos admitir esta maneira de ver nem a adequação da comparação. O botânico pode ter razão; o lingüista certamente não. Em primeiro lugar, esta mudança exagerada, que se considera a vida ideal das línguas, vai contra o próprio objeto da linguagem e a faz perder uma parte de sua utilidade, já que, nos idiomas selvagens de que se trata, os velhos não compreendem mais os jovens. Não é isso uma prova evidente de que se está na presença de um fato anormal e de um verdadeiro caso de teratologia? Pois, qual é a causa primeira desta evolução sem fim, senão a ignorância e a fraqueza intelectual dos bárbaros que falam estes idiomas? Não, a linguagem se fortalece com a civilização. As ações literárias, digamos, alteram o caráter primitivo e espontâneo das línguas. Mas adotar esta perspectiva é esquecer que este progresso da civilização ao qual devemos as literaturas e as formas artísticas da linguagem que as salvam do esquecimento é um movimento também natural e que tem causas também inconscientes como outras manifestações da atividade humana: arte, religião, idéias morais, instituições sociais, políticas, etc.

As causas que agem sobre o desenvolvimento dos *patois* e das línguas bárbaras são mais simples, é verdade, e mais fáceis de determinar. Mas os fatores correspondentes que são encontrados nas línguas literárias, para apresentarem ações mais complexas, são também naturais. Desde quando a complexidade dos fatos é uma razão para depreciar a ciência que os estuda? Tanto melhor, seu jogo é mais interessante.

Em alguns povos modernos, por exemplo, a formação erudita emprestou ao latim e ao grego uma quantidade de palavras que ela introduziu, quase sem mudança, no uso da língua, criando assim no seio do léxico natural um léxico novo, artificial nas suas origens. Mas esta

invasão, ela mesma, se faz em virtude de causas naturais que a ciência histórica tem por objeto determinar, e a mistura deste léxico erudito com o léxico popular traz fenômenos novos, em que se manifesta sob novos aspectos, para quem os sabe observar, a atividade incessante da linguagem.

Já que a linguagem é um instrumento de que os homens se servem para se comunicarem, quanto mais o horizonte do pensamento, com o progresso da civilização, se alargar, mais a língua terá servido à expressão de novas idéias, mais também ela ganhará em nobreza e em grandeza, mais ela fornecerá à observação do linguista e do pensador. “Toda a dignidade da linguagem consiste no pensamento, e é isto que é necessário realçar.”⁸

V

Patois e línguas literárias nos fazem assistir durante sua vida a este jogo de duas forças opostas em que as tradições do passado lutam contra as tendências do futuro, em que se mostram as diversas maneiras de pensar das nações, seu modo de ver o mundo, vasto quadro de um grande interesse e cujo espetáculo desperta no pensamento um mundo de problemas.

Pode-se determinar as causas profundas do nascimento ou da morte de uma língua? Durante a evolução dialetal, o que atribui a cada região sua forma própria de dialeto? De um outro ponto de vista, quais são as influências recíprocas que podem exercer e sofrer duas línguas vizinhas? E até que ponto uma delas pode deformar a outra sem lhe subtrair sua personalidade? Por que razões e por qual desenvolvimento gradual tal idioma recua diante de outro, e os habitantes de uma região renunciam gradativamente a seu *patois* para adotar o da região limítrofe? Em particular, sob que ações os *patois* desaparecem diante da língua literária? Em que medida a nacionalidade local é atingida pelo efeito produzido sobre o idioma? E se, ao invés de considerar o povo, considerássemos preferencialmente o indivíduo, é possível saber adequadamente uma ou mais línguas estrangeiras de maneira a fazer delas línguas maternas, e de produzir efeito no seu espírito e conciliar sem esforço modos diferentes e freqüentemente opostos de agrupar as idéias e de compreender as coisas sem prejudicar a originalidade de seu pensamento? Não há aí perigo para a inteligência?

Eis um conjunto de perguntas que a filologia coloca à psicologia, e nós não assinalamos aquela que se tira de todas e que é seu coroamento: a ação que exerce o pensamento sobre a linguagem e a linguagem sobre o pensamento.

VI

Desçamos a problemas mais especiais, que tocam não as línguas em geral, mas as diversas partes das quais elas se compõem.

Toda língua contém três séries de fatos: as *palavras*, as *formas gramaticais*, os *fatos sintáticos*. Vamos passá-los sucessivamente em revista, partindo das formas gramaticais.

Estas não são outra coisa que o sistema de declinação e de conjugação; elas constituem o fundo mesmo da língua; é o *molde* em que as palavras tomam corpo.

Um povo pode mudar seu léxico e sua sintaxe; se ele guarda suas formas gramaticais, sua língua não terá mudado. Com o mesmo léxico e a mesma sintaxe, no caso em que isso fosse possível, a língua se tornaria outra, se as formas gramaticais variassem. O inglês permaneceu no fundo uma língua germânica, apesar das vinte e cinco ou trinta mil palavras francesas que nele entraram, porque sua gramática permaneceu germânica. O persa foi tanto invadido pelo árabe quanto o léxico hindu foi como que inundado pelo elemento estrangeiro; e no entanto o persa permaneceu língua indo-européia, porque sua gramática nada sofreu com o ataque semítico. As palavras são emprestadas, esquecidas, se perdem, se renovam, mas o molde da declinação e da conjugação pelo qual a língua faz passar este material móvel e instável permanece sempre semelhante a si mesmo.

Que o francês, por exemplo, venha dar ao alemão o imperfeito que lhe falta! Que o inglês venha nos transmitir seus dois futuros! A coisa parece inconcebível.

São os sistemas gramaticais que permitem classificar as línguas em ordens, famílias, gêneros, espécies. Conhecem-se estas grandes divisões de línguas monossilábicas, aglutinantes e flexionais, nas quais distribuíram-se todas as línguas conhecidas sobre a face da terra. Sem admitir que as línguas aglutinantes tenham passado pelo primeiro estágio do monossilabismo, que as línguas flexionais tenham atravessado os dois períodos do monossilabismo e da aglutinação antes de chegar a seu sistema de flexão (estas são só hipóteses até aqui indemonstradas e indemostráveis), sem buscar as origens destes sistemas tão diferentes, pode-se reconhecer os hábitos de espíritos diversos e as diversas maneiras de pensar que eles representam. Os idiomas monossilábicos dão o exemplo de uma lógica e de um modo de combinação dos elementos do pensamento até certo ponto inconcebíveis a nós outros europeus. E, não tomando senão

as línguas flexionais, que variedade de sistemas e que diferença na maneira de compreender e de formular o pensamento! A conjugação semítica, tão rica em voz, tão pobre em modos e em tempos, supõe um estado psicológico totalmente diferente daquele que produziu a conjugação ariana, com sua riqueza de modos e de tempos e seu pequeno número de vozes. Os moldes são tão opostos uns aos outros que todos os esforços dos eruditos fracassaram até aqui para os reconduzir a uma unidade primeira.⁹ No próprio grupo indo-europeu, apesar da origem comum, a conjugação desenvolveu-se em sistemas bastante divergentes para mostrarem-se irredutíveis entre si. Esta força do pensamento humano que toma corpo em formas tão variadas não é um dos menores traços que se impõem à atenção do pensador.

VII

A construção ou sintaxe é o fim para o qual tende toda língua, já que as palavras, sob as formas gramaticais que lhes são próprias, devem se combinar em frases para expressar o pensamento. As construções são determinadas por razões históricas ou lógicas. O mais freqüentemente o uso de uma época é o resultado de uma luta entre a ordem histórica ou tradicional e as tendências lógicas novas que fazem progredir a língua em outras direções. Algumas vezes aparece esta força que nós já assinalamos, a analogia, que modifica certas construções sob o modelo de outras vizinhas. Por trás destas mudanças que atingem a forma, percebem-se nitidamente mudanças mais profundas nos hábitos do espírito, que passa a considerar as coisas sob ângulos novos e a analisar de outra maneira seus pensamentos. Quando vemos a raça francesa decompor lentamente, século após século, as construções sintéticas que ela recebia do latim para substituí-las gradativamente por construções analíticas, penetra-se melhor no caráter desta raça que tem necessidade de ter clareza em suas idéias e de as dividir para melhor compreendê-las.

A psicologia tem muito a esperar da sintaxe histórica, ciência completamente nova, apenas esboçada, mas de grande importância e de alcance sem fim.

VIII

Chegamos às *palavras*. Podemos estudá-las de diversos pontos de vista:

1º . Elas são sons puros, cuja produção depende dos órgãos vocais: boca, laringe, cordas vocais, pulmões. Cada língua tem seus hábitos de pronúncia, seu sistema de sons. Estes hábitos mudam gradativamente, a partir das leis fonéticas de que falamos anteriormente. Assinalamos os principais problemas gerais que decorrem da fonética; outros mais especiais podem ser postos, mas eles interessam menos o filósofo que o psicólogo ou antropólogo, já que a fonética diz respeito aos órgãos corporais. O mais importante é a influência da raça e do meio. Como dialetos vizinhos, por exemplo, o piemontês e o veneziano, acabam por adquirir características tão opostas? Por que o antigo alemão perdeu esta doçura suprema da qual se encontra o eco no gótico do século IV, para substituí-la pela rude harmonia do alemão moderno? Como uma língua em certos momentos torna-se incapaz de sons que ela admitia antes sem dificuldade, e os substitui por sons novos que parecem subitamente, espontaneamente, estender-se sobre todo seu território?¹⁰

IX

2º . As palavras são também grupos naturais e fixos de sons tendo cada um sua independência própria. Elas dão origem a outras palavras e criam-se famílias. Ajuntam-se ora uma ou várias palavras para formar com elas palavras ditas *compostas*, ora terminações especiais, ditas *suffixos*, que mudam sua natureza e sua função a partir de princípios determinados de *derivação*.

Cada língua tem seus procedimentos próprios de composição fundados sobre princípios lógicos especiais. As línguas românicas ignoram de um certo modo completamente a composição com genitivo tão rica em alemão e em inglês, enquanto que o alemão conhece mal a composição por aposição, tão fecunda nas línguas românicas. O inglês, único dos dialetos germânicos, conservou um procedimento de composição ainda vivo em sânscrito e que ele deve à língua-mãe.¹¹

A derivação nos mostra um procedimento completamente diferente. Onde o alemão diz *apfelbaum* = *arbre à pommes*, o francês dirá *pommier*. Pensando bem, nada tão estranho como a derivação. Tomar em uma ou várias palavras uma mesma terminação comum, fazê-la a representante de uma idéia *abstracta*, ajuntá-la a toda uma série de palavras simples para

fazê-las exprimir esta mesma idéia, modificar gradualmente seu caráter e a fazer expressar por ampliações gradativas relações novas que vão se multiplicando; criar assim verdadeiras palavras que não têm existência própria por elas mesmas, que não têm nenhuma independência, nenhuma individualidade, que a língua não isola nunca, que não vivem senão ligadas a palavras simples, e que no entanto são portadoras de idéias gerais, eis o admirável resultado ao qual chegam as línguas quando elas criam sufixos.¹² Está aqui em jogo uma força que já vimos operando, a analogia. Talvez seja na derivação que se compreende mais nitidamente a ação do espírito sobre a linguagem, porque ele manobra elementos pouco numerosos, a lista de sufixos é necessariamente muito limitada, e as relações expressas, mais simples.

Por outro lado, a psicologia comparada dos povos encontra uma matéria fecunda no estudo que aproxima entre si procedimentos de formação das palavras de língua a língua. A capacidade de composição até certo ponto ilimitada do alemão é compensada por uma indigência de derivação que faz contraste com a capacidade de derivação e a pobreza de composição¹³ das línguas românicas. O que ganha ou perde a expressão do pensamento com o emprego de um ou de outro destes diversos procedimentos? Eis ainda uma destas perguntas que penetram fundo na psicologia popular.

X

3º. Enfim as palavras exprimem as idéias. A palavra é criada para transmitir o pensamento. Qual é a relação que a une à idéia da qual é o signo? Até que ponto a história das mudanças de sentido reflete a história do pensamento? Este é precisamente o problema que aqui examinaremos.

No estudo que segue, se procurará determinar primeiro os caracteres lógicos desta vida intelectual e moral que nosso pensamento dá às palavras; dizendo de outra maneira, mostrar por que procedimento do espírito e sob a ação de quais causas elas nascem e se desenvolvem no seio da língua. Além disso, se procurará mostrar como esta regula as relações dos sentidos entre as palavras vizinhas, como estas palavras se comportam entre si e sofrem da parte umas das outras ou impõem umas às outras ações recíprocas; enfim de que maneira elas esgotam os conceitos que possuem e desaparecem condenadas ao esquecimento.

Nascimento, vida e morte das palavras: temos, pois, razão em intitular este opúsculo *A Vida das Palavras Estudada em suas Significações*.

Este estudo da palavra a toma não na sua primeira origem, mas no sentido imediatamente precedente do qual é derivado aquele que é examinado. Determinar a vida de uma significação é remontar não à origem primeira da palavra, mas ao sentido anterior que o explica, como em história natural remontar à origem de um indivíduo não é voltar à origem da espécie, mas aos indivíduos, macho e fêmea, do qual ele deriva.

Neste trabalho se encontrará um certo número de comparações com a história natural. Estas aproximações não foram procuradas com *parti pris*, mas foram encontradas por elas mesmas sob a pena do autor.

Pesquisas desenvolvidas durante longos anos sobre a história das línguas romanas e em particular do francês têm desde muito conduzido a esta conclusão (à qual outros linguistas já chegaram por sua própria conta) de que o transformismo é a lei da evolução da linguagem.

Seus conhecimentos em história natural não lhes permitiram afirmar que as teorias de Darwin sejam a verdade. Mas, se elas devem ceder o lugar a teorias novas, o transformismo na linguagem permanece um fato.

A linguagem é uma matéria sonora que o pensamento humano transforma, gradativamente e sem fim, sob a ação inconsciente da concorrência vital e da seleção natural.

Tradução: Eduardo Guimarães

Notas

¹ Tendo tido ou não um centro único de formação.

² M. Louis Havet; Whitney, *Vie du Langage*, p. 28

³ *La vie des mots* (Darmesteter, 1886). Na edição utilizada para esta tradução (1932), p. 114 e 115.

⁴ *Nach allem, was erst die methodisch strenger gewordene forschung unserer tage ermittelt hat, stellt sich das immer deutlicher heraus, dass die lautgesetze der sprachen geradezu blind, mit blinder naturnotwendigkeit wirken, dass es ausnahmen von ihnen oder verschonungen durch dieselben schlechterdings nicht gibt.* (Osthoff, *Das Verbum in der nominal composition*, p. 326). Digamos que a natureza das leis fonética é neste momento objeto de discussões animadas e profundas entre os lingüistas da Alemanha. Não podemos nos estender sobre este ponto, e encaminhamos o leitor, entre outras obras, ao livro de Hugo Schuchardt, *Ueber die Cantgesetze, gegen die Junggramatiker*, Berlim, 1885.

⁵ As características essenciais da analogia não foram ainda completamente estudadas, restam pontos a esclarecer. Distinguiu-se uma analogia verdadeira de uma analogia falsa; esta distinção parece-nos sem fundamento. Que eu saiba, não se explicou ainda por que as formas novas criadas pela analogia podem viver durante séculos ao lado das antigas sem as suplantarem, ambas sendo utilizadas (assim em francês *je peux* ao lado de *je puis*), enquanto que as formas novas

devidas à fonética fazem desaparecer rapidamente ao fim de algumas gerações as que as precederam. Seria necessário ainda estudar o papel da analogia nas transformações sintáticas, papel mal conhecido até aqui, e mesmo a ação que ela pode exercer em certas alterações fonéticas.

⁶ Assim do norueguês antigo, língua-mãe dos idiomas escandinavos modernos, que, tornado em um lugar o norueguês, em outro o sueco, alhures o dinamarquês, manteve-se até certo ponto intato até hoje na Islândia.

⁷ Ver Max Muller, *Leçons sur la science du langage*, segunda edição.

⁸ Para o exame especial das relações que existem entre a língua e a literatura, e a ação que a segunda pode exercer sobre a primeira, ver *La vie des mots* (Darmesteter, 1886) na edição utilizada para esta tradução (1932), página 126, nota 1.

⁹ A gramática comparada das línguas semíticas permite-nos determinar o tipo primitivo que deu origem às diversas conjugações semíticas. Pode-se esperar que a gramática comparada do egípcio e dos idiomas berberes de um lado, deste grupo e do grupo semítico do outro, nos permitirá um dia reconstruir um tipo lingüístico ancestral destes três grupos e que remontará, com o indo-europeu, a uma língua primitiva.

¹⁰ Haveria outros problemas a assinalar, mas eles pertencem mais à Lingüística do que à Psicologia: assim as questões de Fonética sintática.

¹¹ O composto do qual *good-natured*, *great-minded* são os tipos.

¹² Por exemplo, veja o que se passa com o sufixo francês *-age*. É o sufixo latino *-aticus*, que existia em um pequeno número de adjetivos: *silv-aticus*, *err-aticus*, *fan-aticus*. Pela pronúncia, *-aticus*, *-aticum* tornou-se *-adego*, *-adeo*, *-adio*, *-adje*, *-age*; pela forma, tornou-se sufixo de substantivo como do adjetivo; pelo sentido enfim, nos substantivos, começou por formar coletivos: *cour-age*, propriamente, o que é relativo ao coração, o conjunto dos sentimentos do coração; *feuillage*, o conjunto das folhas; *plumage*, o conjunto das plumas: eis uma primeira conquista de sentido; *age* tornou-se, pois, sob a forma de sufixo, um verdadeiro coletivo. Logo, em derivas de verbos transitivos, exprimindo o resultado coletivo da ação (*lavage*, tudo o que é lavado), ele passa gradativamente à idéia de causa; é assim que o sufixo *age* hoje é sinônimo de a ação de fazer: *blanchissage*, *repassage*, *nettoyage*, etc., ação de *blanchir* (branquear), de *repasser* (passar roupa) e *nettoyer* (limpar), etc.

¹³ Sempre menor que se acredita em geral.